

Mini-Artigo Técnico por Celso Foelkel

O Papel como um Bem Cultural de Fundamental Valor para a Sociedade

Desde os primórdios de sua existência no planeta Terra, o ser humano tem tido a iniciativa de representar seus sentimentos e a necessidade de se comunicar através da escrita. Inicialmente, isso foi feito através de gravações grosseiras nas pedras das cavernas onde habitava, dando origem aos conhecidos e turísticos petrogrifos (<http://www.flickr.com/search/?q=petroglyph>) e à beleza intrigante da arte rupestre (http://www.google.com.br/images?hl=pt-BR&source=imghp&q=%22arte+rupestre%22&gbv=2&aq=f&aqi=&aql=&oq=&gs_rfai).

Com sua evolução cultural e tecnológica, o homem foi encontrando outros materiais para suas inscrições e gravações, ao mesmo tempo em que aperfeiçoava seus caracteres para a escrita e para a arte. Surgiram cerâmicas, peles de animais, panos, madeiras, ladrilhos, tijoletas, cascas de árvores, etc. para cumprir a função de substrato para a escrita e para a arte. Evidentemente, escrever nesses materiais era difícil; como era trabalhoso se produzir esses artefatos em quantidade e em escala que permitissem uma veiculação em massa dos textos e figuras desenhadas. O resultado disso é que apenas as elites religiosas e políticas, ambas detentoras historicamente do poder, conseguiam se educar e usufruir dos conhecimentos acumulados. Assim, a educação e a comunicação foram por séculos restritas apenas a uma parcela mínima da população.

A história começou a mudar há cerca de 2.000 anos, quando o mestre chinês Ts'ai Lun criativamente inventou o papel, usando fragmentos de vegetais flexíveis que eram macerados para individualizar suas fibras. Com o uso de muita água e de uma peneira, ele formava uma folha e depois a secava, formando assim as primeiras folhas de papel, que viria a se consagrar como um dos bens mais comuns e úteis para a sociedade humana.

A invenção do papel permitiu uma enorme disseminação e armazenamento dos conhecimentos gerados por inúmeros povos do planeta. Isso porque a invenção chinesa não se limitou apenas àquele país. Ela foi logo globalizada, chegando à Europa, demais países da Ásia e finalmente América e Oceania. No continente Europeu, berço histórico de enorme conhecimento científico e cultural, o papel passou a ter seu uso disseminado rapidamente. Livros passaram a ser produzidos em maior escala, da mesma forma que o papel passava a servir de suporte às artes, às cartas magnas, aos documentos religiosos e políticos, etc. Logo o papel ganhou destaque como meio de comunicação com a criação dos jornais e das revistas, além de seu reconhecido papel cultural através dos livros. Em pouco mais de 1.300 anos após a sua invenção, o papel adquiria um status de bem essencial para o armazenamento, veiculação e difusão dos conhecimentos, quaisquer que fossem eles. Evidentemente, começou a faltar papel, tamanha era a necessidade por ele. As matérias-primas da época não conseguiam suprir tal crescimento em demanda. Isso ficou ainda mais evidente após a criação da tipografia com tipos e prensas móveis, inventada por Johannes Gutenberg, em 1439. Livros e jornais passaram a ser produzidos em larga

escala, mas onde obter tantos trapos e tecidos de algodão para se produzir o papel da época? Com a criatividade estimulada, o ser humano, em pouco tempo, desenvolveu novas tecnologias, tais como o uso da madeira para se produzir polpas celulósicas pelos processos soda, sulfato ou Kraft, sulfito e as chamadas pastas mecânicas pela moagem da madeira.

Em menos de dois séculos, contados a partir de meados dos anos 1.800's, o papel passou a ser um dos produtos mais demandados pela sociedade global. Hoje, o consumo per capita de papel é inclusive considerado um indicador de qualidade de vida e de desenvolvimento econômico de um povo ou nação. Países como Estados Unidos, Japão, Finlândia, Alemanha, Holanda, Suécia, etc. são países desenvolvidos, com altíssima qualidade na educação de seus cidadãos e com consumos individuais de papel de mais de 200 kg por habitante por ano. Já o consumo dos habitantes dos países sub-desenvolvidos não passa dos 25 kg/hab.ano, e dos emergentes entre 45 a 80. Vemos então a alta relação existente entre a educação, a cultura, a conquista de prêmios Nobel e a produção de livros, revistas, jornais, documentos artísticos e culturais, etc. Em especial nos últimos 50 anos, o papel vem desempenhando com enorme competência sua missão de armazenar, veicular e difundir o conhecimento e os produtos culturais dos cidadãos do planeta. Isso além de desempenhar outras funções como embalagens, fins higiênicos e sanitários, etc.

Nunca na história humana se alcançou uma produção de conhecimentos de todos os tipos e importâncias como no presente. Isso tenderá a crescer ainda mais com os avanços da ciência e da tecnologia. Esses conhecimentos armazenados e difundidos, também através do papel, são parte da cultura de cada povo, região, cidades e mesmo distritos de algumas cidades. O patrimônio cultural pode ser considerado como o conjunto de objetos ou bens de valor (materiais ou imateriais), com significado e importância na cultura ou história de grupos de pessoas. O patrimônio tem um significado coletivo, formado portanto pelo conjunto das realizações de uma sociedade específica, e que vem sendo construído ao longo de sua história. No patrimônio cultural e histórico de uma região e de um povo inserem-se: paisagens de ecossistemas, arquiteturas, monumentos, práticas esportivas, objetos artísticos, artesanatos, folclore, obras literárias, documentos, costumes, linguagem, gastronomia, sítios antropológicos, etc. Muitos dos bens que compõem o patrimônio cultural de um povo estão na forma de papel (livros, documentos, pinturas, fotografias, selos, etc.). O papel permite enormes efeitos sociais gerados pela produção em larga escala desse fator cultural. Por exemplo, se temos na gastronomia um valor cultural importante de uma região, um livro de receitas culinárias permite não apenas armazenar essa cultura, como também difundi-la. Por isso, o papel em si não é um bem cultural, é apenas um bem tecnológico na forma de uma folha de fibras e aditivos que armazena e veicula algo cultural valioso e único. O bem cultural seria portanto o produto visível do processo cultural, que proporciona a uma coletividade de seres humanos o conhecimento, a consciência e o orgulho de suas conquistas. Na maioria dos casos, o papel abriga e preserva o bem cultural, até mesmo se identificando com ele, como no caso das obras literárias, das aquarelas pintadas por artistas, dos documentos escritos por grandes pensadores e cientistas, etc. Em outros casos, o papel é a própria expressão da arte e cultura, como no caso dos origamis e da arte em papel. Existem situações

extremamente curiosas em que um pequeno pedaço de papel pode atingir valores de alguns milhões de dólares pelo simples fato de abrigar uma produção intelectual ou cultural rara e inquestionavelmente valiosa. É o caso de diminutos selos raros, documentos escritos ou firmados por celebridades, etc.

Recentemente, foi amplamente divulgado o fato de que uma única folha de papel, considerada como sendo um manuscrito do cantor e compositor John Lennon, quando o mesmo esboçava a letra de sua consagrada melodia "A day in the life" (http://en.wikipedia.org/wiki/A_Day_in_the_Life), eleita como uma das 30 mais lindas e famosas jamais produzidas, foi vendida por cerca de 1,2 milhões de dólares (<http://www.celuloseonline.com.br/noticias/Folha+de+papel+dos+Beatles++vendida+por+US+12+milho>) . Ou seja, a folha de papel em si poderia valer como papel não mais que alguns centavos de dólar, entretanto, a rara produção intelectual e cultural que abrigava elevava o seu valor alguns milhares de vezes.

Da mesma forma que o papel pode armazenar e veicular informações culturalmente importantes, ele também pode ser usado de forma malévola para difundir práticas e mensagens indesejáveis acerca de violência, pornografia, uso de drogas, etc. A vantagem que tudo que é lixo cultural expresso em papel poder ser facilmente convertido em papel limpo de novo pela reciclagem, sem necessidade alguma de técnicas de incineração ou destruição. Basta reciclá-lo para um novo e melhor uso.

Dessa forma, o papel consegue, com sua simplicidade e sem grandes alardes, incorporar e resgatar uma grande parte do enorme patrimônio cultural da humanidade. Os bens culturais, como vimos, são bens móveis ou imóveis que representam testemunho de conquistas com valor de história de civilização ou de cultura relevante. Uma partitura de música clássica escrita em papel por um grande gênio da música (Beethoven, por exemplo, com diversas de suas sinfonias) pode perfeitamente ser declarada como bem cultural relevante, enquanto a música em si insere-se no patrimônio cultural da humanidade. Fica fácil entender então, que nas milhões de bibliotecas, que existem no mundo, temos inúmeros bens culturais na forma de livros de autores consagrados ou não, que somados elevam o patrimônio cultural da sociedade humana a níveis inimagináveis. As famosas casas de cultura, os clubes de leitura ou clubes de livros, as feiras de livros, que são abundantes em todos os rincões do mundo, ajudam assim a preservar, aumentar e difundir a cultura em benefício dos cidadãos de nosso planeta. Da mesma forma que os museus abrigam produções culturais notáveis, as coleções de jornais, revistas, selos, fotografias, aquarelas, etc. procuram guardar no papel o que de muito importante tem sido produzido pelo homem ao longo de sua história.

Outras maneiras sempre existiram ou têm surgido para competir ou para se complementar ao papel para essa missão cultural. Como papeleiros que somos, entendemos que essas maneiras todas são fundamentais e vitais para que a civilização humana possa manter vivas suas coisas relevantes desenvolvidas ao longo de sua história e cultura. As novas e fabulosas vantagens oferecidas pela eletrônica são muito bem-vindas. Afinal, se temos hoje e-books disponíveis na

web, eles surgiram em função da digitalização de milhões de livros existentes em papel. Algumas bibliotecas virtuais como o portal <http://www.dominiopublico.gov.br> têm feito muito bem esse serviço de disponibilização de cultura na forma de livros, artigos, textos, vídeos, etc. todos de enormes valores culturais. Esses produtos estão sendo disponibilizados em larga escala aos cidadãos brasileiros e o mesmo acontece em outros países. Cabe a cada leitor, ao acessar a obra desejada, imprimi-la em papel para leitura, ou salvá-la em seu computador. Até o momento, frente à enorme empatia que o leitor têm com o livro em papel, os livros e as impressões de livros estão ainda se mostrando a forma preferida dos leitores. Mesmo que isso mude ao longo dos anos, o papel sempre terá seu espaço, da maneira atual, ou de novos nichos desenvolvidos criativamente para continuar a cumprir seu papel cultural.

Enfim amigos, o papel se insere muito bem nesse contexto cultural moderno e atual de nossa civilização. Ele tem cumprido muito bem o seu papel, não é mesmo?